

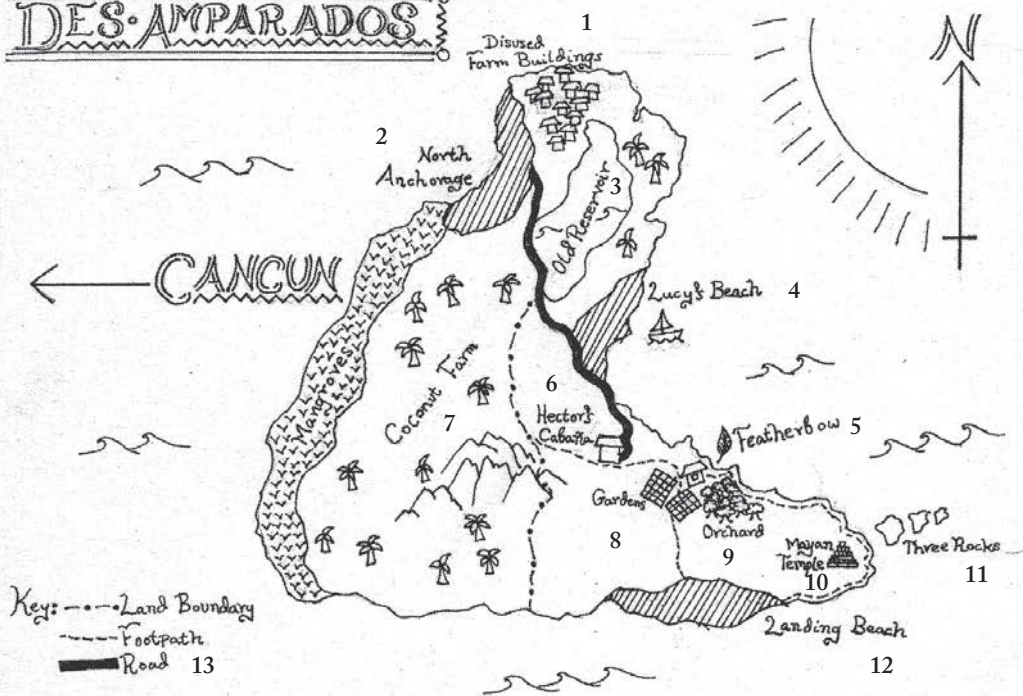
Alison Lucy

O VERÃO DOS SEGREDOS

Tradução
Maria João Vieira

*Quinta Essência**

DES-AMPARADOS



- 1- Edifícios abandonados
- 2- Ancoradouro norte
- 3- Velho reservatório
- 4- Praia de Lucy
- 5- Featherbow
- 6- Cabaña de Hector
- 7- Plantação de coqueiros
- 8- Jardins

- 9 - Pomar
- 10 - Templo maia
- 11 - Três Rochas
- 12 - Praia
- 13 - Legenda:

Divisão de terra
 Caminho pedestre
 Estrada

1

Cancun, México, 1989

A ida ao México foi ideia de Danny. Harriet, ao início, estava um pouco hesitante – tinham comprado uma casa e estavam a tentar torná-la mais bonita – mas acabou por se convencer.

– Fica nas Caraíbas – disse a toda a gente. – O local está completamente preservado.

A viagem era cara, mas haviam poupado dinheiro no casamento onde fora possível fazê-lo porque queriam ter histórias para contar acerca da sua lua de mel exótica e recordações que os ajudassem nos engulhos da vida de casados que os esperava.

A expressão de Harriet, no momento em que chegaram ao México, fez com que a jogada de Danny tivesse valido a pena. O Sol estava a pôr-se e o mar das Caraíbas espelhava os tons rosa e roxo do céu, as ilhas pontuavam o mar sem fim como casas de botões, as torres dos hotéis de Cancun brilhavam com a promessa do luxo moderno no azul intemporal. Da sua boca em forma de coração fugiu um suspiro de maravilhamento e os perspicazes cantos dos seus olhos enterneceram-se, suavizando os ângulos do rosto e iluminando-lhe o semblante como nunca. Danny interrogou-se, uma vez mais, como conseguira convencer uma mulher tão bonita a casar com ele.

– É lindo – disse.

– Tu és linda.

Harriet recompensou-o com o típico sorriso que lhe enchia a alma, o sorriso que levava os outros a pensar que, apesar da sua aparência um pouco rude – os seus olhos cinzentos eram demasiado sérios para o seu rosto juvenil e o cabelo alourado e crespo recusava submeter-se a qualquer coisa remotamente parecida com um penteado – Danny conseguia fazer Harriet feliz. Danny decidira pedi-la em casamento para poder passar o resto da vida a provocar mais sorrisos como aquele.

O avião aterrou com um forte embate na pista e o rugido da travagem intensa. A força da manobra colou-os aos assentos. O coração de Danny disparou e não se acalmou até pararem por completo. Harriet ficou alarmada, o sorriso desapareceu, mas a tripulação parecia imperturbável enquanto preparava as portas para a abertura e desembarque.

Os recém-casados esquivaram-se da polícia armada que patrulhava o aeroporto de Cancun, sorrindo e fumando *Delicados* uns atrás dos outros, com as suas *AR-15* debaixo do braço. Foram bombardeados com ofertas de táxis e hotéis e mantiveram-se firmes na paragem de táxis oficial, aceitando um preço apenas ligeiramente acima do que consideravam justo.

Danny gostou de sentir a mão da sua nova mulher na sua, durante toda a viagem, até ao hotel onde iriam passar a lua de mel.

– É uma aventura – disse.

Harriet fixou o olhar na janela enquanto o táxi, um carro novo e elegante, descia a avenida principal.

– Uma aventura?

– Há uns anos não havia aqui nada – disse ele –, nem sequer uma comunidade indígena para reinstalar, só insetos e dunas, e agora vê. Não achas extraordinário que tenham construído um *resort*, uma cidade inteira, numa parte desinteressante de nenhures?

O céu resplandecia com o sol do meio-dia e o pó das obras, à saída da zona de chegadas, cobriu-lhe a parte de trás da boca.

– Acho bem que não seja enfadonho, Danny – disse ela e beliscou-lhe a coxa macia.

– Olha! – Danny apontou pela janela para o mar das Caraíbas, que acolchoava as rochas cinzentas para ir dançar sobre a areia clara, e a boa disposição dela regressou.

Cancun era uma história de sucesso mexicana. No espaço de uma década viu-se dotada de aeroporto, uma série de hotéis de primeira classe e projetos para muitos mais, uma autoestrada e quilómetros e quilómetros de praias que rivalizavam com as melhores do mundo. Em vinte anos era como se tudo sempre ali tivesse existido e as pessoas começaram a esquecer que, há menos tempo do que tem uma vida, aquele local era um pântano perigoso chamado Kan-Kun, ou «ninho de cobras», e que o perigo ainda espreitava por todo o lado.

– Bem-vindos ao paraíso – disse Harriet. – Cuidado para não tropeçarem nos habitantes locais.

Danny começou a baixar o vidro do carro, mas o motorista bateu levemente nas saídas de ar condicionado, no tabliê do táxi, e Danny parou de mexer na janela. Passaram a grande velocidade por uma fila de palmeiras esguias, ao meio da estrada, plantadas numa terra impecável e sem uma única erva daninha. Os pilaretes de cimento pintados de branco e a própria estrada debaixo das rodas do carro eram novos e reluzentes. Acima deles uma fragata descrevia círculos e Danny interrogou-se se a ave solitária estaria confusa com todas estas mudanças.

O hotel fizera um pequeno esforço para se integrar na paisagem envolvente, mas era um monstro de cimento e aço e não havia plantas tropicais que o pudessem disfarçar.

Foram recebidos sem grande cerimónia. Harriet disse aos funcionários da receção que estavam em lua de mel.

– Porque fizeste isso? – perguntou Danny enquanto abriam a porta do quarto com vista para a lagoa, no terceiro andar.

A escuridão da noite instalara-se e ele mal conseguia distinguir o contorno escuro da água turva.

– Assim não é tão estranho. Tu acreditas que somos casados?
– questionou ela. – Não parece real.

O quarto era simples e limpo, com o chão revestido de bonitos azulejos que continuavam até metade da parede. Danny foi assaltado pela estranha sensação de que a noite já devia ir a meio.

– A mim parece-me real – disse. – Venha cá, Mistress Featherbow.

Trancou a porta atrás deles e puxou-a para a cama.

Mais tarde, nessa mesma noite, sentiram uma fome provocada pelo *jet lag* e dirigiram-se à praia, na esperança de encontrarem verdadeira comida mexicana, mas tiveram de se contentar com um hambúrguer e batatas fritas no bar do hotel. Falaram em descobrir uma discoteca. A um canto, um grupo de mexicanos assistia, pela televisão, a um jogo de póquer em Las Vegas. Harriet reparou que Danny ficou a olhá-los fixamente.

– O jogo é ilegal no México, Danny.

Não havia casinos em Cancun. Esse fora um dos motivos por que ela acedera a vir. Pôs uma mão sobre o braço dele e fez com que se virasse para ela. Se conseguissem aguentar quinze dias sem discutir sobre jogo, ainda poderia ter a lua de mel dos seus sonhos.

– Eu sei – disse ele. – Mas eles jogam às cartas em todo o lado.

– Não, tu é que jogas às cartas em todo o lado.

– Estão a ver desporto na televisão, Harry, não fiques tão irritada.

– Não me chames Harry.

Harriet acabou de comer o hambúrguer em silêncio e não sugeriu que bebessem mais qualquer coisa. A hipótese de irem a uma discoteca não voltou a ser mencionada.

* * *

Danny voltou a descer quando ela adormeceu. Saiu cuidadosamente da cama, tal como fazia em casa quando havia transmissões de desporto na televisão a horas tardias. A, agora, sua mulher tinha um sono profundo e dormia em qualquer lado. Era a sua característica mais descontraída.

Falou com os homens no seu espanhol básico e conseguiu que o convidassem para um jogo de cartas, fingindo-se mais rico do que era e mais bêbado do que na realidade estava. Regressou ao quarto de hotel horas depois com mais trezentos dólares no bolso e quando Harriet, no dia seguinte, lhe perguntou porque estava tão cansado, gastou o dinheiro quase todo para a distrair, comprando-lhe um colar de ouro maciço com um pequeno pendente; uma estrela em ouro e uma opala iridescente, esbranquiçada, em forma de lua crescente.

E assim continuou a lua de mel. Durante o dia Danny era um novo marido atencioso: ficavam na cama até tarde e deitavam-se cedo; entretanto, passavam algum tempo na praia, a comer no restaurante, a beber *cocktails* ao pôr do Sol. À noite, porém, Danny descia sorrateiramente para procurar os jogos de cartas ilegais que se realizavam na área dos hotéis até, pelo menos, às quatro da manhã e sentava-se à volta de uma mesa com sete jogadores endinheirados e um *straight flush* na sua mão de póquer.

– A sua mulher não se importa que jogue às cartas na lua de mel? – perguntou um homem.

– Se se importasse não me teria casado com ela – respondeu Danny em vez de admitir que morria de medo da reação da mulher se esta descobrisse que ele não conseguia controlar o seu vício.

Ao longo da semana, Danny acumulara quase dois mil dólares. Quando a sua avó lhe ensinara a jogar póquer, declarara que Danny nascera com sorte. Durante o resto da sua vida, não perdia uma oportunidade de jogar às cartas e percebeu rapidamente que não era, de todo, uma questão de sorte.

O *straight flush* surgiu num momento crucial do jogo. Os dois maiores gastadores ainda se encontravam na mesa: um mexicano dono de um hotel e um construtor canadiano. O canadiano desistiu imediatamente quando as quantias ascenderam a valores exorbitantes, deixando Danny e o dono do hotel, cujo nome era Paco.

– Subo – disse e empurrou o dinheiro para o meio do círculo.

Danny estava praticamente certo de que Paco tinha um *full house*. Ia perder. A questão era: quanto? Danny precisava de o aliciar. Precisava de usar as aptidões a que nunca podia recorrer em casa, no seu jogo habitual de sexta-feira à noite, porque os seus companheiros de jogo conheciam-no demasiado bem. Tinham andado todos na mesma escola, arranjado emprego na mesma cidade e vivido com as mesmas pequenas desilusões e grandes sonhos. Sabiam quem ele era. Aqui, Danny podia ser quem quisesse.

Havia apenas uma pessoa em Cancun que achava que ele nunca ia longe de mais e essa pessoa estava a dormir lá em cima, no quarto de hotel.

Olhou Paco diretamente nos olhos, quase como se o desafiasse.

– Cubro – disse Paco.

A tensão, no canto do bar onde se encontravam, avolumou-se. Alguns empregados de mesa do hotel aproximaram-se para observar e Danny rezou para que o jogo não chamasse a atenção e fosse terminado precisamente quando estava a tornar-se interessante. Mostrou o seu *straight flush* e Paco emitiu um som como se tivesse sido esmurrado.

– Gringo de merda! – exclamou.

Não havia, porém, qualquer ameaça nas suas palavras. Danny sorriu e levantou as sobranceiras, puxando todo o dinheiro da jogada na sua direção e calculando que deveria andar perto dos quatro mil dólares americanos. A somar aos mil e quinhentos

que ainda tinha enrolados no bolso das calças. E aos cheques de viagem.

Talvez a sua avó tivesse razão. Talvez ele tivesse mesmo sorte.

– Outra mão? – instigou Paco, enquanto baralhava as cartas, conformado com a derrota.

Paco trabalhava numa plantação de coqueiros no estrangeiro quando haviam começado a construir Cancun. Tinha-se tornado um barão dos recursos humanos e arranjava pessoas de todo o lado para trabalhar nos bares e hotéis. Era um homem rico na Península do Iucatão; podia dar-se ao luxo de tentar reaver o seu dinheiro.

– Outra mão – concordou Danny.

Danny nunca tivera tanto dinheiro consigo em toda a sua vida. Sentia-o a arder no bolso. Queria levá-lo para cima antes que fizesse alguma estupidez.

Mas era tarde de mais. A euforia da última vitória toldou-lhe o julgamento, ganhara demasiado dinheiro excessivamente depressa e, antes que desse por isso, viu-se confrontado com a última ronda de apostas e não havia nada que pudesse fazer a não ser manter o *bluff* até uma possível recuperação. O mais provável era o seu par de manilhas não conseguir bater o jogo de Paco.

O mexicano deixou-se ir durante algum tempo e os montantes começaram a subir.

O senso comum de Danny implorava-lhe para parar de deitar dinheiro à rua, mas ele fê-lo na mesma, como se vivesse um sonho febril, dando ouvidos apenas ao aumento de endorfinas que o faziam correr riscos sem qualquer lógica. Perder ou ganhar, pouco importava – sem a emoção do jogo é que ele não conseguia viver.

– Subo – disse, voltando a colocar tudo o que ganhara em cima da mesa para o juntar ao enorme monte de dinheiro que já lá se encontrava. Dinheiro verdadeiro. O seu dinheiro.

O dinheiro de ambos. Na riqueza e na pobreza. – Aposto tudo.

Paco recostou-se na cadeira, estudando o rosto de Danny.

– Não tem nada – disse. – Eu quero ir a jogo, mas você limpou-me. – Retirou umas chaves do bolso. – Quer o meu carro?

– Tenho voo para Inglaterra daqui a três dias. Para que haveria de querer um carro?

«Por favor passa», tentou convencer-se. «Pousa as cartas, vai para casa, faz amor com a tua mulher. Devíamos ir todos para casa.» Inglaterra surgiu-lhe resplandecente no pensamento, mais brilhante do que ele a lembrava e, de repente, só lhe apetecia a sua cama, o seu emprego e todas as coisas seguras e sólidas em torno das quais tinha construído a sua vida.

– Talvez não volte – sugeriu Paco. – Talvez fique aqui em Cancun e passe a andar no meu carro.

– Se quiser cobrir, cubra. Se não quiser, passe.

– Aceita um... como se diz? Um documento de dívida informal?

Danny riu.

– Tenho um O na testa? – A piada perdeu-se na barreira linguística. – Não, amigo. Dinheiro vivo.

– Parece muito confiante – disse Paco. Bateu com as cartas na mesa. – Tenho uma ideia. Eu tenho uma casa, uma pequena casa de praia em Des Amparados. A ilha com a grande plantação de coqueiros, está a ver?

– Não é casa de praia nenhuma – adiantou o canadiano, divertido. – Não lhe dê ouvidos. É uma barraca e, se a terra servisse para cultivar alguma coisa, faria parte da plantação e não faz.

– É uma propriedade valiosa, Danny. Estou a falar a sério. Pode não valer muito agora, mas daqui a uns anos... Esta cidade só tem um caminho possível: sempre para cima.

– Está bem – disse Danny.

– Sim?

– Sim, porque não?

O coração de Danny batia descontroladamente e o sabor amargo da adrenalina inundou-lhe a boca. Preparava-se para apostar quatro mil dólares com base num palpite de que Paco estava a esforçar-se demasiado para ganhar. Reconheceu vestígios de um desespero confiante que tentava a todo o custo esconder. Era um espelho. Ambos jogavam o mesmo jogo, ambos tentavam assustar o outro, o que provavelmente significava que teriam a mesma mão. Só queria acabar com aquilo. De repente, o par de manilhas não lhe pareceu assim tão mau. Por essa altura já toda a gente no bar se apercebera do que se estava a passar. As somas contadas aos milhares, a conversa sobre carros, plantações e casas. Sentia-se um gângster. Tinha de ver o jogo de Paco. Tinha de ir até ao fim.

– Cubro – disse Paco.

O que faziam eles, perguntou-se Danny, se ele agarrasse no dinheiro, mais de dez mil dólares em notas não sequenciais, e fugisse? Respirou.

– Um par de manilhas – disse.

Os homens que assistiam a cada aposta do jogo com indiferecimento fascinado viraram a cabeça na direção de Paco.

– Merda – disse Paco. – Pensava que não tinha nada.

Danny encolheu os ombros.

– Tenho um par de manilhas, não é nada.

Paco mostrou o jogo. Um conjunto aleatório de cartas. A mais alta era uma rainha.

– N'a – disse o canadiano alegremente. – O par de manilhas ganha a noite.

Danny expirou com tal força que o ar levantou algumas das notas que se encontravam sobre a mesa e recolheu o dinheiro que agora lhe pertencia.

E uma barraca algues numa praia. Não podia enrolá-la e metê-la no bolso das calças. Como iria explicar essa a Harriet?

Iria lá dar uma vista de olhos.

Uma casa linda. Tal como ela sempre desejara.

O casco raso e metálico do pequeno barco de pesca tremia à medida que o motor ganhava velocidade, embatendo em cada onda que rolava na sua direção, fazendo a proa levantar e cair, salpicando-os a todos com água.

– Ainda não me disseste aonde vamos – comentou Harriet.

– É surpresa – respondeu Danny. – Tem calma.

Ao início, a ilha não parecia mais do que uma massa verde-escura no horizonte, mas à medida que se aproximavam, tornou-se mais definida, uma extensão de palmeiras de oito quilómetros ou mais. Uma fina linha de rochas foi obscurecida pelos arco-íris difusos que se formavam sobre o nascer das ondas, que pareciam rolar diretamente para os troncos das palmeiras, como se as árvores crescessem no meio do mar.

A sul da enorme ilha o mesmo leito calcário elevou-se, transformando-se em penhascos e dividindo-se depois em três formações rochosas escarpadas, cada uma das quais progressivamente mais pequena, pelo distante mar adentro.

Paco parecia preparado para honrar a sua parte no compromisso que considerava tratar-se de um acordo entre homens. Não falou em cartas na presença de Harriet. Chamara Danny à parte enquanto Harriet embarcava.

– Passamos ao largo de Des Amparados e logo vê o que acha. Se se sentir enganado podemos conversar – prometeu. – Não sou nenhum vigarista.

O barco contornou outro pontal e chegou a uma enseada mais profunda, abrigada das correntes, onde a água era imóvel como vidro e a areia prateada limpa e macia. O barco deteve-se junto aos baixios e Danny foi o primeiro a sair, os primeiros passos trôpegos e imersos em água, confusos com a sensação de terra firme ao fim de quarenta minutos no mar. Os seus sen-